

APRESENTAÇÃO

Assim como a vida, a História é vária e vasta. O mesmo se pode dizer da Historiografia, a começar pelo título da revista que nos sugere os inúmeros jogos do tempo, do pensamento e da linguagem que permeiam tanto a experiência histórica quanto o ofício do historiador. Quantas possibilidades entre o dia e o logos, o cronos estendido ou sintético, a palavra e a razão, as (i)lógicas dos acontecimento ao longo dos dias e das noites do saber?!

Este segundo número do undécimo volume da Revista *Dia-Logos*, organizada pelos discentes da Pós-Graduação em História da UERJ, atesta isto. Há histórias do Brasil, África e Europa; há histórias comparadas, culturais, políticas, econômicas, regionais, locais, nacionais; há teoria da história, planejamento urbano, partido político, cinema, imprensa, HQ... entrelaçados em diversas temporalidades, dos tempos coloniais ao tempo presente. E há também autores, sejam mestrados, mestres ou doutorandos, oriundos de diversas partes do Brasil, de norte a sul, com perspectivas e abordagens de diferentes áreas de conhecimento. Os cruzamentos interdisciplinares – de resto normais no trabalho do historiador quando “faz história” – assumem aqui tons fortes, por vezes surpreendentes. Neste sentido, pode-se considerar ser o selo deste número uma jovem historiografia que indica a variedade de veredas a explorar (e recriar) no vasto sertão dos estudos históricos.

Assim, encontraremos nos primeiros artigos uma certa ambiência geral (que os alemães chamam de *Stimmung*) dos anos 1930-1940 pelo modo como os autores tecem os acontecimentos que selecionaram para historiar, no Brasil, África e Europa, com foco em ações, estratégias e imaginários políticos sob situações de autoritarismo, domínio opressivo ou mesmo guerra. **Felipe Castanho Ribeiro** (mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, RJ) descobre uma imprensa clandestina carioca a furar os impedimentos da censura no governo provisório de Getúlio Vargas. Em “Sustentae o fogo que a victoria é nossa!”, mostra as estratégias dos impressos *Nove de Julho* e *A Estrella* para expressar sua posição política e fazer críticas ao governo no contexto da chamada guerra constitucionalista de 1932. Na mesma década, a produção cultural, mais especificamente o gênero popular das “histórias de aventura”, voltava-se para a África para construir seus tipos, cenários e enredos. “Imagens da África nos quadrinhos e no cinema de início dos anos 1930:

Tintim e King Kong” traz a análise que **Lúcio Reis Filho** (doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, SP) realiza sobre a história em quadrinhos do cartunista belga Hergé, *Tintin au Congo* (1931), e sobre o filme *King Kong*, de Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack (1933), produzido pela norte-americana RKO Pictures, situando-os no quadro do imperialismo e desvelando o imaginário eurocêntrico, etnocêntrico e racista que embebia tais obras e que, sem dúvida, elas retroalimentavam. As tensões políticas da época atingem seu clímax nos conflitos que também denominamos como “a Grande Guerra” (Eric Hobsbawm) ou “guerra civil europeia” (Enzo Traverso), incluindo todo o período de 1914 a 1945, no qual **Raquel Anne Lima de Assis** (mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro) observa, em perspectiva comparada, a atuação dos serviços de inteligência e espionagem britânico e norte-americano na França, respectivamente as agências *Special Operations Executive* (SOE, 1940) e *Office of Strategic Service* (OSS, 1941). Fruto do estudo dos documentos oficiais produzidos por essas agências, o artigo “Além do desembarque da Normandia: espionagem, inteligência e resistência na II Guerra Mundial” revela que na *Operação ROOK* conjugaram-se ações de espionagem e de resistência para preparar o desembarque dos Aliados e ajudar a liberar o território francês em 1944.

Adentrando a História do Brasil, os diálogos são igualmente interessantes. Estudando a pornochanchada brasileira e sua crítica, nos idos anos de 1970-1980, **Romulo Gabriel Barros** (doutorando no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco) procura desconstruir certezas e, “ginzburguianamente”, pede à historiografia que cave brechas na opacidade da história para achar novas sendas. A seu ver, se sob o termo “pornochanchada” abrigam-se centenas de filmes de distintos gêneros, do drama ao faroeste, da ação ao terror, acrescidos de erotismo para atingir o grande público e obter o sucesso econômico; se o movimento durou por quase uma década e abarcou dezenas de produtores e diretores, levando ao estrelato inúmeras atrizes; então não cabe reduzi-lo aos “estereótipos moralizantes da ditadura na totalidade de suas produções”. Ainda no mesmo contexto da ditadura civil-militar, após o Ato Institucional nº 2 que instaurou o bipartidarismo, foi criado o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). As circunstâncias históricas de sua criação, o processo de sua extinção e a posterior criação do partido PMDB são tratados aqui por **Tamires Mascarenhas Pecoraro** (mestranda pelo Programa de Pós-Graduação

em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), no texto “MDB: passado e presente na política brasileira”, que discute e problematiza ainda o recente pedido do PMDB para mudança de sua sigla, retornando a “MDB”, em um processo que envolve o apelo à memória e mostra a importância desta na cultura política moderna e contemporânea.

Na seara da História Regional, encontram-se aqui a economia escravista dos tempos coloniais, a história urbana e o imaginário comparado. Em “Crises e subordinação: a economia da Paraíba e das Capitanias do Norte no século XVIII”, **Matheus Silveira Guimarães** (mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba) realiza um debate historiográfico e documental sobre as condições econômicas da Paraíba no período setecentista, marcado por conflitos com Pernambuco, analisando criticamente o discurso das elites paraibanas e da historiografia, segundo os quais a capitania estava quebrada, de onde vinham os pedidos de redução dos preços ou das taxas sobre os escravos por parte dos proprietários, por mais de cem anos. Como parte de uma pesquisa mais ampla sobre a entrada de africanos escravizados na região entre os séculos XVIII e XIX, o trabalho aborda os conflitos anteriores à subordinação da Paraíba à capitania vizinha e a polêmica acerca da Companhia Geral de Comércio Pernambuco e Paraíba, o que contribui para melhor compreensão das relações econômicas instáveis do Nordeste brasileiro com o Mundo Atlântico. Em outra chave e temporalidade, **Tiese Teixeira Júnior** (doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará) reflete sobre os projetos *waterfront*, “a cidade-água”, que vêm desenvolvendo ações de revitalização em áreas consideradas obsoletas da cidade de Belém do Pará. Com base em autores que conectam sociologia urbana, geografia humana e história, o texto resulta de uma pesquisa empírica realizada no complexo Feliz Lusitânia e objetiva problematizar as recentes políticas de planejamento urbano colocadas em curso na capital do Estado do Pará. Já na ponta sul do país, a problematização de **Henrique Perin** (doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) em “Quando os *gaúchos* encontram os *cowboys*: o caso Fifa” volta-se para um breve documentário sobre Porto Alegre realizado pela Fédération Internationale de Football Association, quando o Brasil candidatou-se para sediar a Copa do Mundo de 2014. Com o fito de analisar o modo como o vídeo comparou os

gauchos aos *cowboys* norte-americanos e traçar as similaridades entre os dois mitos, bem como os elementos que constituem os seus imaginários, o autor recorre a personagens da literatura brasileira e argentina do século XIX, à figura do cavalo e do cavaleiro, aos significados da fronteira e da *wilderness* [termo que pode ser traduzido como vastidão, região selvagem ou inóspita, sertão] na cultura do faroeste estadunidense, que se adéquam também ao pampa sulino. Para compreender tal situação, são utilizados teóricos como Eric Hobsbawm e seu conceito de “tradições inventadas”, e Benedict Anderson e seus apontamentos sobre “comunidades imaginadas”.

Entre os artigos, por fim, mas não menos importante, temos a chance de ler uma reflexão teórica sobre a importância da interdisciplinaridade para a pesquisa histórica, conforme explicita o título do trabalho de **Júnia Fior Santos** (mestranda no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal da Grande Dourados, MS). “Abordagens interdisciplinares nas pesquisas de história”, portanto, considera que as produções historiográficas contemporâneas devem enfrentar, entre seus novos desafios, a exigência de uma maior discussão sobre o diálogo estabelecido entre História e os demais campos das ciências humanas e sociais. Para tal, dedica-se a uma revisão e debate teórico-metodológico, tendo por base sua experiência de pesquisa com os povos indígenas Guarani e Kaiowa de Mato Grosso do Sul. Ao estudar o processo de mobilizações dessas comunidades, buscando entendê-las como sujeitos históricos que desenvolvem dinâmicas de enfrentamento e resistência ante a espoliação de seus territórios, a autora encontra um “complexo espaço de temporalidades plurais”, levando a caminhos metodológicos diversos, o que não é possível com o apoio de apenas uma única estrutura disciplinar. Mesmo que esse diálogo não se dê sem contradições e demande às fronteiras disciplinares que se tornem fluidas e viabilizem complexos e necessários deslocamentos, é mister preservar e aprimorar os diálogos interdisciplinares.

E para completar belamente o presente volume, temos a resenha escrita por **Lourenço Resende da Costa** (doutorando no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Paraná) sobre o livro de Paulo Augusto Tamanini, *A prece ucraniana na pressa da cidade: as renegociações das práticas religiosas ucranianas nos espaços da cidade de Curitiba a partir de 1960*, publicado na capital paranaense pela editora CRV, em 2017. O livro consiste na tese defendida em 2013 pelo autor, como fruto de sua pesquisa de doutoramento em História na Universidade Federal de

Santa Catarina (UFSC), na qual foram investigadas as diferenças religiosas entre os imigrantes ucranianos e seus descendentes na cidade de Curitiba, a partir da década de 1960. Mais particularmente, trata-se de cristãos ortodoxos e cristãos católicos, que têm nos ritos uma marca fundamental do exercício tanto de sua “ucraneidade” quanto de suas práticas religiosas específicas, desdobrando-se no seu uso do espaço urbano e no modo como as fazem sobreviver ao longo do tempo em uma cidade que se moderniza e cresce de forma acelerada.

Com satisfação parabeno os autores deste volume, seus orientadores, seus Programas de Pós-Graduação, e, evidente e merecidamente, os editores destes *Dia-logos*.

Beatriz de Moraes Vieira

Professora do Departamento de História e do PPGH/UERJ